

ESCRITAS: PENSAMENTO E “PRÁTICAS DE SI”

Writings: thought and “self practices”

Ana Paula dos Santos Rivaroli
 IFSul/Campus Pelotas
 Juliana Nunes
 IFSul/Campus Pelotas
 Roselaine Machado Albernaz
 IFSul/Campus Pelotas

RESUMO

Este ensaio cartografa os processos vividos e experimentados por duas mestrandas e professoras no Seminário “Práticas de Si e Outras Artes”, do curso de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. As escritas de si, que revelam inquietações sobre os processos de subjetivação e de formação, apoiaram-se na arte e nas Filosofias da Diferença, com intuito de criar outros/novos pensamentos acerca da Educação e da vida. Para fortalecê-las, articularam-se os conceitos de “cuidado de si” e dos “processos de subjetivação”, de Michel Foucault, junto a uma crítica ao modelo representacional. Compôr um processo ético-político-estético foi uma aposta das investigadoras

PALAVRAS-CHAVE: escritas de si; processos de subjetivação; experiência, pensamento; criação.

ABSTRACT

This paper maps the processes lived and experienced by two master students and teachers at the seminar “Practice of self and other arts” Education and Technology Master Course from Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul Rio-grandense. The so-called self-writings that reveal concerns about the processes of subjectivities and self-constitution found support in Art and in the Philosophies of Difference, in order to create other/new thoughts about Education and life. To strengthen them, the concepts of “self-care” and of “subjectivities” of Michel Foucault were articulated, as well as, a critique about representational model. Composing an ethical-aesthetic-political process was considered a bet for the researchers

KEYWORDS: self-writings; subjectivities processes; experience, thought; creation.

1 – Um emaranhado de forças na vida contemporânea

No seminário “Práticas de Si e Outras Artes”¹, a partir das provocações feitas com a Arte e a Filosofia, fomos realizando alguns pequenos movimentos de transformação, não percebidos quando o seminário estava em andamento. Alguns traços diferenciados sobre nós foram sendo desvelados por meio das escritas de si, que nos inquietavam. Lentamente, fomos por meio delas constituindo novos pensamentos acerca da vida e da formação, compondo assim outro jeito de viver.

Escritas construídas como “práticas de si”, como Foucault sugere, eram sempre estimuladas pela professora durante o seminário, após longas discussões sobre os processos de subjetivação na contemporaneidade. Em cada encontro existia uma oportunidade de costurar na carne um novo conceito concernente à filosofia da diferença, um novo saber sobre a Educação, um novo jeito de sentir as experimentações vividas com a arte, principalmente com a literatura.

¹ O seminário “Práticas de Si e Outras Artes” foi ministrado no IFSul/Campus Pelotas, no primeiro semestre de 2015, pela Dr.^a Prof.^a Roselaine Machado Albernaz.

Nas discussões, buscávamos problematizar os modos de vida e a escola contemporânea, em seus grandes desafios. Pensávamos o quanto estamos sendo atingidos pela padronização das coisas: roupas, estilos, músicas, entre outras. Boa parte do tempo, representamos. Copiamos o que vemos. E assim, acabamos vivendo, como diz Deleuze, a “vida de todo mundo”. Para os vários lugares que olhamos ou visitamos pelo mundo, nas sociedades ocidentais, percebemos diversas semelhanças. Talvez um paradoxo, pois a sensação que temos é de alta velocidade. Muitas notícias, muitas informações, tantas que nem conseguimos construir um pensamento sobre elas, apenas passam e pouco nos transformam.

Os bens, como os celulares, os computadores e outros objetos, mudam a todo instante, tornando uma luta diária acompanhar esses processos. O mundo é controlado pelo mercado e pela mídia. Um mercado que dita o que deve ser interessante para as pessoas, para a sociedade em geral. Um mercado que prolifera um estado permanente de insatisfação, no qual as pessoas acabam vivendo de crise em crise consumindo o que vem pela frente, ou melhor, o que instalam dentro dos ambientes familiares através das mídias de massa. É a massificação, a mercantilização dos modos de viver que produz de forma generalizada uma subjetividade assujeitada.

Não conseguimos repousar. Quando achamos que estamos satisfeitos com o que “temos”, lá vem, em alta velocidade, algo novo promovendo novas necessidades. Necessidades? Interessante pensar sobre o que se torna necessário na vida. Não! Não temos tempo nem mesmo para pensar nas tais necessidades! Passamos pelos dias tumultuados; trabalhando, estudando, realizando tarefas coordenadas, dentro de específicos limites de tempo. Assim, pouco ou nada sobra para viver e experimentar. Então, nada de pensar! Uma sensação em forma de pergunta surge: somos humanos ou estamos nos equiparando às máquinas?

E nessa corrida constante talvez estejamos dando mais valor para o que “temos” do que para o que “somos”. A vida acaba ficando obsoleta. Tudo passa e pouco tempo sobra para pensarmos nela. Na nossa vida. Pensar na felicidade, não naquela procurada nas vitrines das lojas, mas naquela que pode ser encontrada nos sorrisos, nos abraços, nos amores, na vida, na Natureza. Essa sim é rara. Talvez estejamos necessitando mesmo criar outros modos de vida.

Os processos de subjetivação vão se compondo num emaranhado de linhas, forças que nos afetam. Os modos de vida advêm das experiências sociais, dos trajetos singulares que cada um percorre: a família, a escola, a rua, o trabalho. Todos os espaços afetam nossos modos de existência. A questão que urge é a de entender o mundo a partir de um pensamento múltiplo, que atente para as interconexões de estar no mundo.

Para Foucault, a subjetividade e o sujeito compõem um processo de subjetivação. E os modos pelos quais nos tornamos sujeitos (assujeitados) expressam modos impessoais, que vem de fora. Para o filósofo, essa subjetividade vai além de ser apenas um conceito estipulado, é algo pragmático, pois envolve uma postura diante da vida. Relaciona-se a um modo de vida que envolve as relações consigo, com os outros e com o mundo. Essas diferentes relações e movimentos que se dão na vida estão ligados ao tempo, pois são questões móveis, mutáveis e efêmeras.

Essa ligação entre subjetividade e tempo é uma forma de dizer que o sujeito é corpo, não restrito ao corpo orgânico composto de células, mas também constituído pelas interações com outros corpos, orgânicos ou inorgânicos. Como exemplo de corpos inorgânicos é possível citar livros, imagens, lugares, ideias. Esses cruzamentos com diferentes corpos se dão por toda a sua existência. Para Hélio Cardoso, “a ligação entre o corpo, a subjetividade e o tempo é o que compõe um processo de subjetivação” (CARDOSO, 2005, p. 346).

O corpo vai se constituindo no encontro e nas relações com os variados elementos ao longo de um tempo. Esse corpo pode ser capturado através de mecanismos que se dão dentro de morais com feições jurídicas, mas também pode ser de caráter transformacional, capaz de traçar outros caminhos, criar outras possibilidades mesmo que sutilmente. Uma potência criativa do corpo denominada de “prazer”. Uma potência de resistência à captura que os modos dominantes nos promovem.

É a interconexão dos saberes e dos poderes de todos os tempos que molda os processos de subjetivação. Porém, alguns desvios, alguns movimentos de resistências são possíveis para traçar novos modos de vida. O filósofo da diferença Gilles Deleuze nos diz que “o ponto mais intensivo das vidas, onde se concentra sua energia, fica exatamente ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças e escapar de suas armadilhas” (DELEUZE, 2005, p. 101).

2 – Por uma formação mais inventiva e ética

Quando falamos em formação, a primeira ideia que surge no pensamento é a educação formal. A escola, desde as séries iniciais, tem a responsabilidade de “formar” as pessoas. Ensino Médio, graduação, enfim, uma formação exclusivamente ligada às instituições de ensino. Nessas instituições, temos acesso ao conhecimento, à ciência e à tecnologia.

Necessitamos desses saberes científicos, porém eles não conseguem dar conta das incertezas do mundo contemporâneo. A formação dada na escola segue modelos normativos para a sua realização, com padrões, planos e avaliações. Esse modelo ainda está presente nos dias atuais com a segregação dos conhecimentos em disciplinas, notas, pareceres e instrumentos avaliativos que, na maioria das vezes, ocorrem por intermédio de um exame quantitativo. Torna-se interessante problematizar esse tipo de formação, muito ligada ao pensamento representacional, dual, que tenta classificar as coisas em dois polos opostos, como o bem ou o mal, o certo ou o errado.

Jorge Larrosa, em seus escritos, diz que a formação deve tomar outros caminhos. Ele propõe pensar a formação a partir da leitura, tendo uma ideia prescritiva de seu desenvolvimento, com a ausência de normas para a sua realização, sem autoritarismo. Defende, ainda, ser possível a busca de algo novo para esse espaço tensionado na educação dominante.

Essa apropriação utilitária entre conhecimento e vida é problematizada por Larrosa. Ele trata a experiência da leitura como um processo de formação. Uma experiência que altera e modifica o indivíduo através do que lhe acontece. Para o filósofo, o conhecimento por si só não é experiência. A experiência decorre do sofrimento, daquilo pelo qual alguém passa. Não acontece de igual maneira entre duas pessoas, cada uma delas tem a sua experiência, não pode ser planejada de modo técnico. Assim, segundo Jorge Larrosa, “o saber da experiência é o que se adquire pelo modo como se vai respondendo àquilo que se passa ao longo da vida e o que vai conformando o que alguém é” (LARROSA, 2005, p. 137).

O saber da experiência opõe-se ao conhecimento científico, não sendo restrito às instituições de ensino. Vai muito além. Está ligado a cada um de nós, em todo o nosso percurso e seus atravessamentos. A experiência é algo particular, singular, de cada um. Ela nos “ensina a viver humanamente e a conseguir a excelência em todos os âmbitos da vida humana: no intelectual, no moral, no político, no estético etc.” (LARROSA, 2007, p. 138). Para Larrosa, a pedagogia sempre tentou controlar a experiência e submetê-la a apenas uma causalidade técnica, impossibilitando o acolhimento de outros movimentos, senão os preestabelecidos.

O que falta nesses processos é uma relação com a vida, uma problematização dessas questões no cotidiano de cada um. Números, regras, termos técnicos e científicos só terão algum sentido se forem inseridos na vida, transformando-a. Talvez seja necessária uma resignificação desses saberes para incrementar uma problematização sobre a vida.

A vida não é previsível como o método científico acredita. A formação não se dá somente no espaço escolar, mas, sim, em todas as instâncias da vida. Cada indivíduo é singular. Assim, torna-se interessante trabalhar as questões pertinentes à vida sem a pretensão com as “verdades absolutas” sobre as coisas, mas com a intenção de dar um significado para aquilo que nos atravessa.

Nesse sentido, o que buscamos, praticando as “escritas de si”, é uma possibilidade de produzir reflexões e pensamentos sobre as nossas experiências, assim ter um cuidado com a nossa vida, o que implica em nossa formação docente também. Ainda que os muros da escola tentem estabelecer limites entre a vida escolar e a vida fora dela, as forças, frutos de experiências e vivências, entram na escola agarradas em cada um de nós, afetando os corpos com os quais

possamos trombar no caminho. Sendo assim, pensar nesses processos de subjetivação, para ter uma vida mais ética, passa a ser um desejo desse corpo de professoras. O desejo é escrever, ler, reler, pensar e trazer para a nossa realidade fios de transformação a fim de que produzamos uma outra estética, um outro estilo de vida para nós.

3 – A escrita de si, uma possibilidade de reinventar a vida

A escrita de si, desde tempos remotos, foi praticada para registrar os acontecimentos diários da vida das pessoas, dando corpo e visibilidade ao passado, aos pensamentos, às sensações e às experiências. Criava um movimento de inquietação no sujeito que ousasse pensar sobre as suas ações cotidianas, os seus sentimentos ocultos, as dores da alma e os discursos proferidos. Era uma prática com um poder de levar quem escrevesse a um simples diálogo consigo ou até a um profundo exercício de autorreflexão, capaz de mudar esse indivíduo substancialmente.

Foucault, na sua obra *O que é um autor?*, apresenta algumas funções dadas à escrita de si na antiguidade greco-romana. Assim, discorre acerca de suas percepções a respeito dos textos de *Epicteto*. Este, segundo Foucault, praticava por meio da escrita uma espécie de meditação, um exercício do pensamento sobre si mesmo para trazer à tona o saber sobre si. Nesse movimento de reflexão, o escritor deveria, através da leitura, assimilar esse saber e se preparar para enfrentar o mundo real. Essa ação buscava executar um trabalho no pensamento, na escrita e na realidade do sujeito. Para nós, esse movimento, proposto pelas “escritas de si”, poderia nos ajudar na produção de uma vida mais singularizada e menos padronizada.

Nessa época, a escrita era um meio de o sujeito realizar um treinamento de si. Por isso, acabava adquirindo a função *etopoiética*, termo nomeado por Plutarco, que designava à escrita o papel de um “operador da transformação da verdade em ‘ethos’” (FOUCAULT, 2010, p. 147). Essa escrita *etopoiética* surge através dos documentos dos séculos I e II intitulados de correspondência e *hypomnemata*.

A correspondência era os cadernos de notas, constituídos de escritas pessoais e que poderiam ser enviados a outras pessoas em forma de cartas. De acordo com Sêneca, “quando escrevemos, lemos o que vamos escrevendo, exatamente do mesmo modo como ao dizermos qualquer coisa, ouvimos o que estamos a dizer” (FOUCAULT, 1992, p. 146). Esse movimento proposto pela carta tem o poder de atuar sobre aquele que a envia e age também, através da leitura e da meditação, sobre aquele que a recebe. Sendo assim, a carta estabelece uma relação de mão dupla, se aproximando muito do movimento realizado pelos *hypomnemata*.

Aquele que escreve uma carta aprende duplamente. Aprende quando pensa sobre si ao transcrever as suas questões para o papel, assim como aprende trocando suas mensagens através de cartas com outro indivíduo. Sêneca ao trocar cartas com Lucílio, não se contentava em dar conselhos, ele continuava exercitando a si mesmo, considerando dois princípios: “que é preciso aperfeiçoar-se toda a vida e que a ajuda alheia é sempre necessária ao labor da alma sobre si própria” (FOUCAULT, 1992, p. 146).

Outra escrita *etopoiética* abordada por Foucault foi os *hypomnemata*, os quais eram considerados registros notariais, livros de contabilidade e cadernos pessoais. Eram usados como um livro de vida, uma espécie de guia de conduta, que guardavam as coisas lidas, ouvidas e pensadas por seus escritores. A matéria prima constituída era como um tesouro acumulado, o qual poderia ser lido, relido e meditado pelo sujeito-autor e ser usado como argumento para lutar contra uma circunstância difícil (um luto, um exílio, a ruína, a desgraça) ou contra um defeito (a inveja, a cólera, a tagarelice, a bajulação). A ideia era de “constituir para si próprio um *logos boethikos*, um equipamento de discursos a que se pode recorrer, susceptíveis – como diz Plutarco – de erguerem eles próprios a voz e de fazerem calar as paixões, como o dono que, com uma só palavra, sossega o alarido dos cães” (FOUCAULT, 1992, p. 137). Como podemos sossegar o que grita dentro de nós, se assim desejarmos?

Foucault nos alerta que, embora os *hypomnemata* parecessem livros pessoais, não deveriam ser vistos como diários íntimos ou como relatos de experiências espirituais. Não se tratava de revelar o que estava oculto, mas sim de captar o que estava dito, isto é, o discurso propagado, reunindo assim aquilo que se podia ouvir ou ler e que, de fato, constituía o sujeito. A ideia era meditar sobre o passado, já que pensar no futuro perturbava a alma humana. A partir dessa acuidade que o sujeito tinha consigo e com a vida, praticada através das escritas de si, a ética ia se desenvolvendo. Sempre orientada pelo “cuidado de si” e por estes objetivos: “retirar-se para o interior de si próprio, alcançar-se a si próprio, viver consigo próprio, bastar-se a si próprio, tirar proveito e desfrutar de si próprio” (FOUCAULT, 1992, p. 139). Assim, nesse tempo, o sujeito-escritor-pensador ia construindo um percurso de vida singular. Dessa maneira, trazendo à tona a nossa questão, diante do caos da contemporaneidade, um olhar para si, a vida nos pede. Que a escrita de si possa produzir em nós algumas novas significações sobre os nossos processos de subjetivação. É o que desejamos intensamente!

A escrita e a leitura eram vistas como práticas indissociáveis. A primeira, um meio de dar visibilidade à subjetividade humana, já a segunda era um meio de pensar sobre os processos de subjetivação que implicavam na formação de um sujeito, por isso, o ato de ler era tão importante quanto o ato de escrever. Sendo assim, Sêneca dizia: “a prática de si implica a leitura, pois não é possível tudo tirar do fundo de si próprio nem armar-se por si só com os princípios de razão indispensáveis à conduta: guia ou exemplo, o auxílio dos outros é necessário” (FOUCAULT, 1992, p. 140). A leitura, dessa maneira, abre ao leitor outras oportunidades de aprendizagem, outras verdades para serem visitadas, não somente aquelas do pensamento dual.

Outra finalidade da escrita foi de abster o mau pensamento da vida cotidiana a fim de evitar o exercício de uma conduta inadequada na sociedade. Acreditava-se que o registro dos pensamentos estabelecia uma comunicação entre o sujeito e a sua alma. Essa interação, segundo Foucault, era a melhor forma de defender-se dos pensamentos impuros, posto que ao conhecê-los por meio da escrita de si, o sujeito sentiria vergonha de suas obscuridades e evitaria colocá-las em prática na vida, assim impedindo o exercício de uma má conduta.

Desse modo, a escrita de si estabelecia uma relação de anacorese, posto que “atenua os perigos de solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível, desempenhando um papel de um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha” (FOUCAULT, 2010, p. 145), quando o sujeito que escreve profere acontecimentos de sua vida, pondo em xeque a própria conduta. A escrita de si tinha o poder de constranger o sujeito, era uma presença, uma força que exercia um poder sobre aquele que ousasse falar de si, de seus medos, de seus desejos, de suas lembranças. Era como se ela fosse outro sujeito, capaz de corrigir e de transformar a vida de outrem.

Nenhuma habilidade e competência podem ser adquiridas sem um exercício. Da mesma maneira “não se pode aprender a arte de viver, a *tekne tou biou*, sem uma *askesis*, sem um adestramento de si por si mesmo” (FOUCAULT, 2010, p. 146). Esse movimento, que busca a transformação, vai pedindo ao sujeito um cuidado e uma ocupação estritamente consigo, um exame de consciência, uma avaliação sobre os acontecimentos felizes e funestos, e também sobre aqueles situados nas linhas do entre. Um movimento desejado por estas professoras que buscam se transformar escrevendo sobre si e produzindo sentidos sobre os seus processos de subjetivação através da prática de leitura dos textos escritos por elas.

4 – Escritas de si: ensaiando novas maneiras de pensar

4.1 As escritas de si: os contos da vida da professora de ciências

A menina da terra

Nasceu e cresceu no meio rural. Por boa parte da vida, presenciou momentos que não saem da sua memória. Filha de pequenos agricultores, seus primeiros passos foram na terra fofa, terra cultivada. Inquieta desde o princípio, ao invés de permanecer com sua avó nas casas, ia cambaleando atrás de seus pais. Hoje, revirando as lembranças, com água nos olhos, lembra as dificuldades que a família passou.

A vida no campo, em plena década de 90, não era fácil. Era ano de plantio de cebolas. O preço agradava, nunca fora tão significativo. Seus pais, com a esperança de passar um ano tranquilo, investiram no negócio. Permanecem em sua memória algumas imagens em que passeava pelas lavouras de cebolas. Seu pai havia feito uma enxada, de cabo curto, para entretê-la enquanto eles trabalhavam. O sol era quente. Eles também faziam cabanas de capoeiras (plantas de médio porte) para proteger a menina do sol forte, mas não adiantava, lá estava ela, correndo atrás deles novamente.

Fizeram uma excelente safra, pequena, pois possuíam pouca área para plantar. Acreditavam em um momento de tranquilidade financeira. Infelizmente, por conta da inflação e da alta colheita, o preço despencou, as cebolas ficaram no estaleiro e apodreceram. E assim aconteceu com outras culturas, como feijão, milho branco e milho doce. Lindos produtos, mas o ano não estava ideal para o pequeno agricultor.

Entre essas, muitas lembranças, as quais lhe colocam sempre neste espaço rural, parte selvagem, com matas e morros cobertos de vegetação, parte modificada, com plantações e campos para o gado. Iam raramente à cidade, à parte urbana. Era uma expectativa fazer este passeio, pois, geralmente, ganhava um pequeno agrado como um doce, um brinquedo, e, por muitas vezes, só a própria viagem. Assim, cresceu com uma sensação plena de que é parte da Natureza. A Natureza criou a menina da terra. Fez e faz parte da sua vida. Ela é Natureza. Entre plantas e animais, ela criou-se sabendo respeitar a diversidade de vidas deste planeta chamado Terra. Já são 27 anos em que está envolvida neste ambiente. Ambiente que, ao longo dos anos, já se pode perceber que está doente. O arroio em que a menina brincava quando pequena já não tem a água tão confiável assim. O jundiá em que ela e seu pai pescavam já não aparece com tanta frequência, mesmo em dias de chuva, quando era comum.

As grandes áreas de mata, hoje, se resumem a pequenos montantes, áreas onde ainda não entraram tratores e roçadeiras, amparadas pela legislação e fiscalização ambiental. E o lixo? O plástico, cada dia sendo produzido em maior quantidade. Demoraram anos para que passasse naquelas bandas o caminhão para recolher o que não servia mais para os colonos. O material acumulou-se em buracos, sangas, beiras de estradas. Tudo foi ficando tão feio com o passar dos anos.

Aquela Natureza foi se modificando. O homem foi modificando esse ambiente. Ficaram somente as lembranças da menina, de um arroio de águas cristalinas e puras, matas verdes a perder de vista. E a pergunta que fica é: O que estamos fazendo com o nosso ambiente? O que estamos fazendo conosco? Se a Natureza está doente, também estamos.

...

Assim, a professora de ciências ensaiou a escrita de alguns contos. São experiências, acontecimentos sem uma linearidade, mas que colocam de forma rizomática a vida por ela traçada. São conexões do ir e vir que proporcionaram a essa professora uma atenção ao mundo e um resgate de memórias que tem a ver com seu modo de viver. Estar atento às questões que constituem essa professora, na vida, na família, na escola, no trabalho docente, faz parte do “cuidado de si”. Uma escrita sem a intenção de dar ênfase ao “eu” no sentido egocêntrico, muito menos de identidade, coisas do pensamento dual. A intenção é que essas experiências sejam transformadas em palavras, trazendo as sensações e os devires que passam no corpo de quem escreve.

Larrosa nos diz que “as palavras produzem sentido, criam uma realidade e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (LARROSA, 2002, p. 21). A escrita de si, através da criação de contos literários, foi um exercício para a professora poder explorar o universo das palavras e produzir novos pensamentos sobre as experiências vividas e experimentadas, levando-a a compor novos modos de vida para si. Colocar-se na vida em forma de palavras vem levando essa professora de ciências a compreender um pouco mais a respeito de sua formação, a qual se constitui para além dos espaços escolares.

4.2 As escritas de si de uma professora apaixonada pelo universo das palavras

O que pode um corpo?

Com o eco dessa pergunta que trepidava o meu corpo, a aula findou. Saí dali pensando nos corpos que dançavam no filme *Pina*. Adentrei em outros espaços carregando, nos esconderijos do corpo, uma vontade de dançar, de experimentar alguns movimentos, como aqueles do filme. Imaginava como seria dançar a beira de um penhasco. Era animadora essa experiência, mas assustadora ao mesmo tempo.

Peguei a caneta, então comecei a ensaiar, a dançar com algumas rudimentares e frágeis palavras na tentativa de capturar as densas aquelas que me levassem aos lugares mais altos, onde eu pudesse avistar novas paisagens e sentir outras temperaturas, capazes de alterar a aderência da minha pele. Não vejo um penhasco, mas posso criá-lo. Esculpi-lo por meio de uma linguagem. É surpreendente o que pode um mundo de palavras e das palavras. Persigo um “mundolavras” para lavar mundos.

Para pensar no que um corpo é capaz de fazer, talvez seja preciso se dispor a dançar com algumas sensações e palavras, que dispam e desfaçam o próprio corpo. É um caminho que se aponta. Quem sabe, a busca das pontas possa ser um começo desse caminhar. Como uma escolha. Uma ética. Falo de uma busca que prime por encontrar as pontas das peles, sobrepostas umas às outras, escondidas umas nas outras e das outras, reproduzidas no coito com o tempo acelerado e com o automatismo das ações, que mascaram e sufocam o próprio corpo. Trata-se de uma pelagem pesada que, talvez, precise abrir algum caminho, uma fissura, para um corpo que almeja dançar, rolar, rodar. Sentir o chão, as forças de outros corpos e a leveza do ar. Um corpo, uma lagarta em transformação que deseja romper o casulo para tornar-se uma borboleta. Para borboletar, voar, dançar no espaço, no universo das palavras, enfim na vida.

Seminário “Práticas de Si e Outras Artes” (Diário de ensaios, 22/06/2015)

...

No seminário “Práticas de Si e Outras Artes”, esta professora encontrou a possibilidade de produzir uma escrita repleta de intensidades, capaz de propor, para si, um conhecimento acerca de sua formação, dos próprios sentidos de um corpo e de outros modos de vida. Uma escrita portadora de beleza radiativa e de fragmentos de vivências que, lamentavelmente, tinha ficado perdida em sua adolescência, quando tinha dezoito anos de idade. Uma escrita criadora, talvez, de um *mundolavras* para lavar mundos. Vasculhando suas lembranças, deu-se conta de quanto era criativa. Ficava se perguntando por qual motivo não produzia mais as suas escritas de si. Por que deixou de se cuidar?

Retomando o desejo de compor uma escrita viva, para alcançá-la, a professora com o seu devir-lagarta questionava-se: como deveria se deslocar no mundo da linguagem para sentir algumas novas sensações no universo das palavras e da vida? Como conhecer outros lugares através da escrita de si? Quem sabe, rastejando e farejando por uma escuta sensível, que emane um “devir-animal”. Um jeito singular para escrever e viver que pede um estar à espreita. Assim, ela ia percorrendo o mundo das palavras, estando atenta ao sentir, ao pensar, ao ler e ao escrever para estabelecer uma relação mais particular com a sua vida, assim fazer do seu “escrever um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se” (DELEUZE, 1997, p. 11). A professora começava por meio das “escritas de si” a colocar-se no mundo de outro jeito. Agora mais atenta aos acontecimentos de sua formação, “à espreita”, como diria Gilles Deleuze e a sua orientadora do mestrado.

O termo estar “à espreita”, usado por Deleuze, traduz o comportamento atento dos animais no seu habitat. O filósofo demonstra um apreço ao “devir-animal”, visto que os animais estão atentos às sensações, são elas que balizam e afirmam suas vidas. Ele diz que os animais têm um lugar específico,

diferentemente de muitos humanos que não têm o próprio mundo, que “vivem a vida de todo mundo, ou seja, de qualquer um, de qualquer coisa, os animais têm mundos. Um mundo animal, às vezes, é extraordinariamente restrito e é isso que emociona” (DELEUZE, 1998, p. 3).

Outra questão trazida por esse filósofo, que tocava esta professora, era o fato de ele dizer que o escritor é alguém que está à espreita, assim como o filósofo está, sendo essa atenção do escritor com o mundo que lhe possibilita visitar outros territórios e usufruir da potência criadora da escrita. Uma força vigorosa capaz de levar o escritor a escrever no lugar dos selvagens, dos bichos. Escrever “para uso de” e “no lugar de”. Escrever para um povo e no lugar de um povo que falte. Assim, avizinhar-se em outros territórios por meio da linguagem. As escritas de si começavam a aflorar na educadora alguns desejos e devires... Escrever com fios de sensibilidade era um deles.

Buscava um jeito inventivo de escrita. Para tanto, deveria forçar a linguagem e o pensamento ao limite. Estar no limite que separa da animalidade, entretanto sem ficar separado dela. Ir ao limite do que se pode ir e fazer aflorar as sensações mais ocultas (cf. LARROSA, 2004, p. 154).

Para tanto, buscava exercitar-se, colocar-se nos fluxos da linguagem para imaginar o sentir proporcionado por um pensamento. Ao dizer algo, buscava sentir o enunciado, o espaço no qual este ressoava, para entrar em contato com algumas sensações. Enfim, buscava desfigurar o sentir. Estar atenta ao que passava consigo para estar em transformação, assim como uma lagarta.

Relendo a sua escrita “O que pode um corpo?”, cinco meses depois de sua produção, a professora coloca os seus sentidos para este trecho: “Quem sabe, a busca das pontas possa ser um começo desse caminhar. Como uma escolha. Uma ética. Falo de uma busca que prime por encontrar as pontas das peles, sobrepostas umas às outras, escondidas umas nas outras e das outras, reproduzidas no coito com o tempo acelerado e com o automatismo das ações, que mascaram e sufocam o próprio corpo. Trata-se de uma pelagem pesada que, talvez, precise abrir algum caminho, uma fissura...”. Que peles são essas que a professora deseja arrancar do corpo, de sua formação, dos seus modos de ser pessoa e educadora?

Ao longo desse exercício de pensar sobre si, sobre a sua formação, a professora-escritora foi cogitando algumas possibilidades de significações para essas peles que a sufocam na prática docente e na vida. Remexendo nas suas lembranças, percebeu a maneira rígida que lidava com os seus planejamentos. Para ela, um professor, para realizar o seu trabalho com eficiência, deveria cumprir exatamente o que tinha elaborado para a sua aula. Não costumava acolher, na escola onde ocorreram esses fatos, aquilo que surgisse espontaneamente, seja nos encontros com os outros corpos inorgânicos (um cartaz, um livro, alguma coisa) ao percorrer os corredores até chegar à sala, seja nos encontros com outros colegas ou alunos nesse mesmo percurso. Talvez tivesse medo do inesperado, porque aquilo que surgisse abruptamente a faria perder o controle de si, de suas habilidades e de suas competências. Ou não, talvez o desconhecido pudesse dar mais potência para o seu corpo! Pensando naquela professora, pode ser que ela tivesse medo de ser frágil, de curvar o corpo e o próprio saber. Medo das forças de outros conhecimentos, oriundas das redes da informação, capazes, talvez de esbofetear a sua face, isto é, as suas verdades, descabelando os seus saberes.

Era presa à quantidade, buscava propor muitos exercícios para os alunos. Embora já tivesse uma visão diferenciada a respeito do ensino de língua materna. Trabalhava as estruturas linguísticas, mas não se apegava a elas. Propunha o estudo da língua contextualizado à vida do aluno. Estava atenta ao jeito diferente de aprender dos tais nativos digitais, termo cunhado por Marc Prensky. Deslizava-se nos fios das redes de informação. Divertia-se com elas. Sentia-se uma nativa digital. Assim como eles, adorava jogos, criação, desafios, problemas e enigmas.

Todavia, ainda muito apegada ao livro didático, praticamente abraçada a ele, fazia as suas atividades. Tinha receio de deixá-lo de lado, visto que o seu uso era exigido. E, muitas vezes, era motivo de pauta nas reuniões. E se ali ficassem algumas lacunas, espaços vazios, posteriormente, teria que dar satisfações. Afinal, os livros eram caros. E outros corpos orgânicos exigiam o seu uso efetivamente. Suas escapatórias, suas linhas de fuga, eram os objetos virtuais de aprendizagem (vídeos, trechos de filmes, músicas, jogos), os quais a permitiam criar aulas com o seu estilo. Com

muita cautela, tentava ousar, sair da mera reprodução de pensamento, por vezes, imposta. E o preenchimento das lacunas tornava-se um trabalho para ser feito em casa.

Ao pensar sobre esse acontecimento, a professora fica tentando compreender por que tinha tanto medo de expor o seu jeito? Talvez por ele não ser o esperado pelo sistema?! É, tinha medo! Lembrava-se das peles sufocantes. Faltava-lhe ar. Então, ficava problematizando a sua formação, aquela que se constitui para além dos muros da escola. Ainda que não queira recordar, as imagens de uma educação rígida estão guardadas em sua mente, uma educação permeada de regras, deveres e tarefas. Desde muito criança, já conhecia a força do sistema. Ai dela que ousasse não cumprir o combinado. Sem dúvida, sentiria a força dele. Acolhendo ou não, mesmo que tenha consciência ou não, essas experiências ressoam na sua formação atual, na sua prática docente e nos seus relacionamentos. O medo de errar, o medo de decepcionar outrem produz efeitos negativos à vida dessa educadora. Por vezes, inviabiliza o seu jeito inventivo. Diminui a potência de seu corpo, de sua vida.

Suely Rolnik diz que as experiências podem produzir marcas-feridas que enfraquecem a potência do corpo. Marcas capazes de intoxicar quem as guarda. Todavia, afirma que “a escrita, enquanto instrumento do pensamento, tem o poder de penetrar nessas marcas, anular o seu veneno” (ROLNIK, 1993, p. 10). Com essa escrita de si, anulou-se algum veneno que enfraquecia os modos de atuar dessa professora-lagarta, uma completa apaixonada pelo mundo das palavras.

Considerações finais

O professor tem um papel muito importante nesse processo de formação. Muito mais do que “transmitir” conhecimento e representar um estado de coisas. Ele tem a possibilidade de construir outro sentido para a vida junto aos seus alunos. Talvez possa ressignificar a vida de alguns. Pode intervir de várias maneiras, através de uma atenção, uma atitude de escuta, uma inquietude, uma abertura. Pode criar. Colocar-se junto. Falar e silenciar. Atitudes que exigem do professor uma audácia e uma humildade.

Sabemos que o mundo contemporâneo é efêmero. Tudo muda a cada instante. Vivemos num mundo de excessos. Há um bombardeio de informações, notícias advindas dos mais variados tipos de mídia, como TV, Internet e jornais impressos. Há uma necessidade de ter opiniões formadas acerca dos mais variados assuntos. Opiniões superficiais sobre as coisas, que se reduzem a estar a favor ou contra de um determinado assunto. O pensamento dual está quase sempre em exercício. E assim, não vivemos as experiências intensivas. Porque, segundo Larrosa, o excesso de informação, de trabalho e de opinião não gera uma experiência. O mesmo acontece com a falta de tempo, que nos impede de ter um gesto de interrupção diante dos atravessamentos da vida. Passamos pelos acontecimentos, não nos deixamos ser tocados por eles. Pouco vivemos a experiência:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2007, p. 24)

Compreendemos que sobreviver em meio aos caos, ao excesso de informação, às necessidades impostas pelo capitalismo, aos modos de vida padronizados não é uma tarefa fácil. Bem como viver, ou melhor, sobreviver diante da falta de tempo exige de nós uma atenção com o que se passa conosco.

Uma maneira de sobreviver a essa avalanche de atravessamentos, talvez, se dê no ato de recusa. Falamos de um ato de resistência, que tenha a capacidade de desviar das coisas que empobrecem o nosso tempo, a nossa formação, a nossa vida. Para aqueles que desejam se reinventar nesse mundo bem homogêneo, ter uma atitude, uma escolha, um estilo diante da vida requer um grande atrevimento e uma capacidade de pensar sobre si e o mundo. Nesse sentido é que as escritas de si nos propuseram alguns remendos, algumas costuras de feridas abertas, frutos de experiências, que, querendo ou não, compõem cada uma. Escritas que, antes mesmo de passearem por uma folha de papel, já estão cartografadas, grafadas de maneira profunda na carne dessas educadoras. Umas, promovem a cicatrização das feridas. E outras, as abrem mais. Caberá a cada educadora fazer a sua escolha diante da vida. *Viver é um rasgar-se e remendar-se. Guimarães Rosa.*

Referências

- CARDOSO, Hélio Rebello. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(3), 2005.
- COSTA, Maria Varraber (Org.). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- _____. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>> Acesso em: 2 jun. 2015.
- FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992.
- LARROSA, Jorge. Linguagem e educação depois de Babel. Trad. Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- _____. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./abr. 2002.
- PEREIRA, Marcos. O desafio da tolerância na sociedade contemporânea. In: PORTO, Tania Maria Esperon (Org.). *Redes em construção: meios de comunicação e práticas educativas*. São Paulo: Junqueira e Marin, 2005.
- ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estética/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade – Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica*, São Paulo, PUC/SP, set./fev. 1993.

Recebido em: 7 jan. 2016.

Aprovado em: 22 mar. 2016.